

HOSPEDEIROS DE *Sclerotium coffeicola* NO ESTADO DO AMAZONAS

LUADIR GASPAROTTO & SOLANGE M. VÉRAS

Embrapa Amazônia Ocidental, Caixa Postal 319, CEP 69011-970, Manaus, AM.

(Aceito para publicação em 05/02/99)

Autor para correspondência: Luadir Gasparotto

ABSTRACT

Hosts of *Sclerotium coffeicola* in the state of Amazonas, Brazil

Observations on germoplasm collections at Embrapa Amazônia Ocidental and in commercial plantations in the State of Amazonas, Brazil, showed that *Sclerotium*

coffeicola affects several plants, especially fruit trees. A list of 11 new host plants have been described.

No Brasil, *Sclerotium coffeicola* Bull. foi descrito pela primeira vez causando manchas foliares em árvores de *Nauclea diderichii* Willd. e *Gmelina arborea* L. nos estados do Pará e Amazonas (Hodges et al. Resumos VIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia, 1975). Os sintomas típicos da doença (Fig. 1), as características culturais e morfológicas, a sobrevivência e a disseminação do patógeno foram descritos por Ferreira, F. A. (Patologia florestal, Viçosa, SIF, 1989). O patógeno foi descrito por Stahel (Bull. Dept. Landbouw, 1921) e Saccas (Rev. Mycol., 1957). O patógeno foi relatado causando doença em graviola (*Annona muricata* L.), café (*Coffea robusta* Linden), jambo (*Syzygium malaccense* (L.) Merr & Perry), mangueira (*Mangifera indica* L.) (Lourdes & Alves. Fitopatol. bras., 1986), musendra (*Musaendra* sp.) e ixora (*Calliandra* sp.) (Lima et al. Fitopatol. bras., 1994).

Nos últimos anos no estado do Amazonas, com o adensamento das espécies para a exploração comercial ou para atividades de pesquisa, como bancos de germoplasma, o patógeno tem causado severo desfolhamento em algumas culturas. Diante do problema, no período chuvoso, correspondendo a novembro de 1997 a maio de 1998, efetuaram-se levantamentos nos bancos de germoplasma da Embrapa Amazônia Ocidental e em plantios comerciais situados no estado do Amazonas. Constatou-se o patógeno causando manchas foliares típicas em biribá (*Rollinia mucosa* (Jacq.) Baill.), umari (*Poraqueiba sericea* Tulosne e *P. acuminata* Miers), sumaúma (*Ceiba pentrandra* Gaertn.), mogno africano (*Khaya ivorensis* A. Chev.), puruí (*Alibertia edulis* (Richard) Rich ex DC.), jenipapo (*Genipa americana* L.), sorva (*Couma macrocarpa* Barb. Rodr.), nêspira (*Nespilus germanica* L.), inhame (*Dioscorea cayennensis* Lam. var. *rotundata* Poir.), araticum (*Annona senegalensis* Pers.) e carambola (*Averrhoa carambola* L.). Em graviola o fungo tem causado podridão dos frutos.

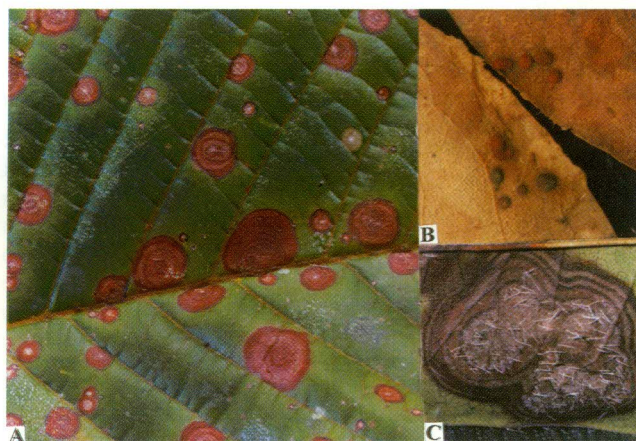


FIG. 1 - (A) Lesões, (B) escleródios e (C) propágulos vegetativos de *Sclerotium coffeicola* em folhas de araticum (*Annona senegalensis*).

O isolamento, cultivo e teste de patogenicidade foram efetuados de acordo com Ferreira, F. A. (Patologia florestal, Viçosa, SIF, 1989). Todas as espécies foram inoculadas com o patógeno, desenvolveram os sintomas típicos da doença e com o reisolamento do fungo comprovou-se o postulado de Koch. Em biribá, os primeiros sintomas e a produção de propágulos vegetativos surgiram 24 horas e 72 horas após a inoculação, respectivamente.

Apesar de o patógeno não produzir esporos, seus propágulos vegetativos são facilmente disseminados, pois em biribá e sumaúma atingem as folhas situadas em até 8m de altura. No período chuvoso, o patógeno produz grande quantidade de propágulos vegetativos e escleródios, causando severo desfolhamento em mogno africano, biribá e sumaúma, notadamente no terço basal da copa das árvores.